GVILHERME·D·ALMEIDA

# MESSIDOR

CASA EDITORA "O LIVRO"
S. PAVLO MCMXIX

J.W.R.

# MESSIDOR

DO MESMO AUCTOR:

*Versos*:

NÓS (1917) . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1 vol.
A DANÇA DAS HORAS (1919) . . . . . . . . . . . 1 vol.

(*Edições exgottadas*)

---

GVILHERME DE ALMEIDA

—

# Messidor

NÓS

A DANÇA DAS HORAS

SUAVE COLHEITA

—

S. PAVLO

CASA EDITORA "O LIVRO"

XXXVIII - B, RVA BÔA VISTA, XXXVIII - B

MCMXIX

FIZERAM-SE DESTA OBRA:

*Seis exemplares em papel Whatman, numerados de 1 a 6 e assignados pelo autor.*

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM:

**1068**

*Sob um signo propicio e um céo de bom agouro,*
*semeei. A messe ahi está. Pensa agora, um segundo,*
*que não valem os grãos que ha nesse campo de ouro*
*o que um só me custou das dôres deste mundo!*

*Para amadurecer o Messidor vindouro,*
*quanta vez vi sangrar o chão rude e profundo;*
*e o céo chorar a chuva; e o sol, paciente e louro,*
*suando a vida, subir seu Calvario fecundo!*

*Colhe agora! E si houver papoulas na aurea trama*
*dos feixes, pensa então nalguma primavera*
*que passou como passa uma mulher que se ama...*

*E leva-as em signal dessa desconhecida*
*por quem o semeador semeia o grão que opera,*
*dentro da terra morta, o milagre da vida!*

NÓS

## I

O pequenino livro, em que me atrevo
a mudar numa tremula cantiga
todo o nosso romance, ó minha amiga,
será, mais tarde, nosso eterno enlevo.

Tudo que fui, tudo que foste eu devo
dizer-te: e tu consentirás que o diga,
que te relembre a nossa vida antiga,
nos dolorosos versos que te escrevo.

Quando, velhos e tristes, na memoria
rebuscarmos a triste e velha historia
dos nossos pobres corações defuntos,

que estes versos, nas horas de saudade,
prolonguem numa doce eternidade
os poucos mezes que vivemos juntos.

## II

EU não sei quem tu és. Sonhei-te linda,
amei-te em sonho e vivo neste sonho.
Para encontrar-te, numa dor infinda
puz-me a caminho, pallido e tristonho.

Tu não sabes quem sou. Sonhas-me ainda
a alma triste dos versos que componho.
E, suspirando pela minha vinda,
pulsa, em teu peito, o coração risonho.

Sonhámos. Quando, um dia, eu fôr velhinho,
hei de encontrar-te, velha, no caminho...
E juntos, cambaleando, aos solavancos,

nós levaremos, pela tarde calma,
toda uma primavera dentro da alma,
todo um inverno de cabellos brancos...

## IV

MAS não passou sem nuvem de tristeza
esse amor que era toda a tua vida,
em que eu tinha a existencia resumida
e a viva chamma de minha alma, accesa.

Nem lemos sem vislumbre de incerteza
a pagina do amor, lida e relida,
mas pouquissimas vezes entendida,
sempre cheia de engano e de surpresa.

Não. Quantas vezes occultei a minha
dor num sorriso! Quanta vez sentiste
parar, medroso, o coração de gelo!

— E' que nossa alma ás vezes adivinha
que perder um amor não é tão triste
como pensar que havemos de perdel-o.

## V

VEM, partamos, que o mundo nos espera!
Não te assombrem as noutes sem luares,
nem extranhes as pedras que pisares,
nem te engane a miragem da chimera.

Muito espinho has-de vêr, que dilacera
a propria flor de que brotou. Não páres:
verás, no estio, névoa pelos ares
e morrerem jardins, na primavera.

Mas que importa? Sou moço, és bella e temos
um bem que nós sómente conhecemos
e que a vida não dá porque o não tem.

Vamos com nosso amor, vamos agora,
de olhos fechados, pela vida a fóra,
de braços dados, pelo mundo além!

## VI

ESPERO-TE, pensando: "Ella não tarda...
Prometteu-me: ha de vir"... E com que afflictas,
longas horas de angustia tu me agitas
o coração que, timido, te aguarda!

E espero, tristes horas infinitas,
um momento de vida que retarda.
Subito irrompes, tremula e galharda,
numa nuvem de rendas e de fitas.

Vens a mim. Corro, tomo-te em meus braços,
e te estreito, estreitando mais os laços
do teu, do meu, do nosso grande amor.

E o teu beijo, e o meu beijo, e os nossos beijos
são mil rosas vermelhas de desejos,
na primavera do teu corpo em flor!

## VII

MORRE o dia. Do quadro da vidraça,
nós contemplamos silenciosamente
o adeus do sol á terra, á luz escassa,
á meia-luz da tarde confidente.

São como um par de noivos que se abraça:
— esse roxo dorido do sol poente
tem a tristeza voluptuosa e ardente
de um longo abraço que se desenlaça.

Uma ancia de viver me abala os musculos;
dão-me os teus olhos a impressão furtiva
de dous grandes, tristissimos crepusculos.

E, como a orchestração de um máo desejo,
quebra o somno da tarde pensativa
o gorgeio frenetico de um beijo.

## VIII

LÊS um romance. Eu te contemplo. Ondeia,
lá fóra, um vento muito leve e brando;
cheira a jasmins o varandim, brilhando
ao doentio clarão da lua cheia.

Vaes lendo. E, emquanto tua mão folheia
o livro, eu vejo que, de quando em quando,
estremecendo, sacudindo, arfando,
teu corpo todo num delirio anceia.

Lês. São scenas de amor: o encontro, o ciume,
idyllios, beijos ao luar... Perfume
que sobe da alma, e gira, e se desfaz...

Vaes lendo. E tu não sabes que, sósinho,
eu te sigo, eu te sinto, eu te adivinho,
lendo em teus olhos o que lendo estás.

## IX

NESSA tua janella, solitario,
entre as grades douradas da gaiola,
teu amigo de exilio, teu canario
canta, e eu sei que esse canto te consola.

E, lá na rua, o povo tumultuario,
ouvindo o canto que daqui se evola,
crê que é o nosso romance extraordinario
que naquella canção se desenrola.

Mas, cedo ou tarde, encontrarás, um dia,
calado e frio, na gaiola fria,
o teu canario que cantava tanto.

E eu chorarei. Teu pobre confidente
ensinou-me a chorar tão docemente,
que todo mundo pensará que eu canto.

## X

VOU partir, vaes ficar. "Longe da vista,
longe do coração" — diz o ditado.
Basta, porém, que o nosso amor exista,
para que eu parta e fiques sem cuidado.

Dentro em mim mesmo, o coração egoista,
quanto mais longe, mais te quer ao lado;
tanto mais te ama, quanto mais te avista
e, antes de vêr-te, já te havia amado.

Vou partir. Para longe? Para perto?
— Não sei: longe de ti tudo é deserto
e todas as distancias são eguaes.

Como eu quizéra que, na despedida,
quando se unissem nossas mãos, querida,
nunca pudessem desunir-se mais!

## XI

"MINHA amiga, não sei si me acostume
á distancia cruel que nos aparta.
Como é triste isto aqui! Que este queixume
comtigo todo o meu pezar reparta!

Que saudade! Teus olhos, teu perfume,
teu riso, tua cabelleira farta..."
— E é todo um coração que se resume
na ingenuidade da primeira carta.

"Pensa em mim, qùe te quero como um doudo;
tu, que és todo meu bem, meu mundo todo!
Beijo-te os labios doces e vermelhos..."

— E, emquanto aguardo dez, cem, mil respostas,
minha amiga vae lendo, de mãos postas,
a pobre carta que escrevi de joelhos.

## XII

ESPERO uma resposta. O poente ensaia
pinceladas no quadro das janellas.
A tarde melancolica se espraia
no socego das ruas parallelas.

Sob o céo de uma alvura de cambraia,
as ventoinhas cantam, tagarelas...
E a paizagem monotona desmaia
numa crise de folhas amarellas.

Espero a carta, espero... E, em vez de vêl-a,
primavera de amor, entrar-me pela
tristonha solidão da minha porta;

pela minha janella, no abandono,
vem trazer-me o contagio deste outomno
o aspero vôo de uma folha morta.

## XIII

NOUTE. E eu só, sempre só. Descabelladas,
fóra, gemem as arvores; o vento
tem um soluço de arrependimento;
farfalham folhas murchas arrastadas...

Pesa em tudo um cansaço. Andam pasmadas
as nuvens, a vagar no firmamento;
ouço um secco estalar de vigamento
e o fretenir de um grillo nas calçadas.

Falo ao silencio e á noute. E ao que está junto
de mim, a tudo que me vê, pergunto
por ti: que fazes? onde estás? — Então,

do meu cigarro um rôlo de fumaça
solta-se, e sobe, e baila, e se adelgaça,
formando um ponto de interrogação.

## XIV

Nós dous de novo juntos, novamente
eu a teu lado, tu pelo meu braço,
eis-nos unidos descuidosamente
nos mesmos beijos e no mesmo abraço.

Sigo, segues... Que importa que esta gente
fale tanto de nós? Eu rio e passo,
como sabes passar, indifferente,
com muito orgulho e com desembaraço.

Sigo, segues, seguimos lado a lado...
E, emquanto eu mesmo todo em ti me vejo,
na gloria de te amar e ser amado,

vaes celebrando, tonta de prazer,
na linguagem chilrada do teu beijo,
a suprema delicia de viver!

## XV

FALAM muito de nós. Quanta maldade,
quanta maledicencia, quanta intriga!
"E' um pobre sonho de felicidade..."
"E' um romance de amor á moda antiga!"

"Isso não passa de uma historia, que ha de
acabar como todas..." E ha quem diga:
"Já são muito mal vistos na cidade
aquelle moço e aquella rapariga!"

Diz-se... E eu sinto, num tremulo alvoroço,
que vou ficando cada vez mais moço,
que vaes ficando cada vez mais bella...

Nosso mundo (fale o outro: pouco importa!)
fica todo entre o quadro de uma porta
e o rectangulo azul de uma janella.

## XVI

SI esta gente soubesse, eu te dizia,
como os homens parecem tão pequenos,
vistos do alto da nossa gelosia,
longe das dores e dos ais terrenos!

Si esta gente, que vae, soubesse, ao menos,
que, na torre da nossa phantasia,
o amor, nos dias turvos ou serenos,
é o teu pão e o meu pão de cada dia!

Si esta gente soubesse! As' vezes ouço
dizer: "Ella é tão linda! Elle é tão moço!
O que ha de ser aquella agua-furtada!"

Si soubesse! — pensavamos. Comtudo,
esta gente, que vae, sabe de tudo:
nós é que vamos sem saber de nada.

## XVII

EU em ti, tu em mim, minha querida,
nós dous passamos despreoccupados,
como passa, de leve, pela vida,
um parsinho feliz de namorados.

E assim vou, e assim vaes. E assim, unida
á minha a tua mão, de braços dados,
assim nós vamos, como quem duvida
que haja, no mundo, tantos desgraçados.

Um dia, para nós — não sei... quem sabe? —
é bem possivel que tudo isto acabe,
que sejas mais feliz, que eu fique louco...

Mas nunca percas, nunca mais, de vista
aquelle moço sentimentalista
que te quiz muito e a quem quizeste um pouco!

## XVIII

QUANDO as folhas cahirem nos caminhos,
ao sentimentalismo do sol poente,
nós dous iremos vagarosamente,
de braços dados, como dous velhinhos.

E que dirá de nós toda esta gente,
quando passarmos mudos e juntinhos?
— "Como se amaram esses coitadinhos!
Como ella vae, como elle vae contente!"

E por onde eu passar e tu passares,
hão de seguir-nos todos os olhares
e debruçar-se as flores nos barrancos...

E por nós, na tristeza do sol posto,
hão de falar as rugas do meu rosto
e hão de falar os teus cabellos brancos!

## XIX

SONHEI: cheia de sol, transfigurada,
sob um pallio de nuvens luzidias,
assim te vi que, tremula, descias
os degráos silenciosos de uma escada.

Chegaste a mim, de rosas coroada.
Então, tomando em tuas mãos macias
a grinalda de flores que cingias,
coroaste-me a fronte acabrunhada.

Depois, partimos. E uma a uma, as flores
foram perdendo, pouco a pouco, as cores,
cahindo na aspereza dos caminhos...

E a grinalda de rosas, que me trouxe
tanta felicidade, transformou-se
numa corôa ironica de espinhos...

## XX

NAQUELLA grande rua socegada,
nós fizemos, um dia, o nosso ninho:
tu, cheia do calor de ser amada;
eu, coberto das geadas do caminho.

E alli viveste só, vivi sósinho
quasi a edade de um sonho — quasi nada.
Lá fóra, andava o inverno arrepiadinho;
cá dentro, a primavera desvairada.

Mas, como nada neste mundo é eterno,
como, fóra, voltasse a primavera
e, cá por dentro, começasse o inverno;

seduziu-te o esplendor de outros ideaes...
— E eu fiquei, para sempre, á tua espera
e tu partiste para nunca mais!

## XXI

FICO — deixas-me velho. Moça e bella,
partes. Estes geranios encarnados,
que na janella vivem debruçados,
vão morrer debruçados na janella.

E o piano, o teu canario tagarela,
a lampada, o divan, os cortinados:
"Que é feito della?" — indagarão — coitados!
E os amigos dirão: "Que é feito della?"

Parte! E si, olhando atraz, da extrema curva
da estrada, vires, esbatida e turva,
tremer a alvura dos cabellos meus;

irás pensando, pelo teu caminho,
que essa pobre cabeça de velhinho
é um lenço branco que te diz adeus!

## XXII

Tu senhora, eu senhor, ambos senhores
de um pequenino mundo. No caminho,
nunca vi flores em que houvesse espinho,
nunca vi pedras que não fossem flores.

Naquelle quarto andar, longe das dores
e tão perto dos céos, com que carinho,
com quanto zelo edificaste o ninho
do mais feliz de todos os amores!

Tudo passou. Um dia, triste e mudo,
deixaste-me sósinho. Hoje tens tudo:
és rica, és invejada, és conhecida...

E eu tenho apenas, desgraçado e louco,
daquelle amor que te custou tão pouco
esta saudade que me custa a vida!

## XXIII

EU não fui mais que um sceptico suicida
que passou, pelo mundo, indifferente.
a passos leves, esbanjando a vida
prodigamente, perdulariamente.

"E' um pobre moço! Um doudo! Nem duvída
dessa mulher!" — dizia toda a gente.
Mas eu passava de cabeça erguida
e te levava a vida de presente!

Dei-te quando pediste. Ingenua e nua,
minha alma toda ficou sendo outrora
tua, só tua, unicamente tua.

Quiz dar-te mais: tu nada mais quizeste!
Pelo bem que te fiz, padeço agora
a saudade do mal que me fizeste.

## XXIV

QUE bons tempos aquelles em que eu via
desenrolar-se o encantador enredo
do romance fatal, que resumia
dos meus segredos o maior segredo!

Na nossa alcova tepida e sombria,
quanto soluço entrecortado a medo!
Como a noute era curta! Como o dia
timidamente despontava cedo!

Quanto indiscreto olhar nos cubiçava!
E quanta gente ouvi que murmurava:
"Que felizes que são aquelles dois!"

Quando eu te visitava, á minha entrada,
era tão facil de subir a escada!
E tão difficil de descer, depois!

## XXV

O nosso ninho, a nossa casa, aquella
nossa despretenciosa agua-furtada,
tinha sempre geranios na sacada
e cortinas de tule na janella.

Dentro, rendas, crystaes, flores... Em cada
canto, a mão da mulher amada e bella
punha um riso de graça. Tagarela,
teu canario cantava á minha entrada.

Cantava... E eu te entrevia, á luz incerta,
braços cruzados, muito branca, ao fundo,
no quadro claro da janella aberta.

Vias-me. E então, num subito tremor,
fechavas a janella para o mundo
e me abrias os braços para o amor!

## XXVI

"EU te adoro!" — dizias-me, corando.
"Sou todo teu!" — corando, eu te dizia.
Ah! que medo e que frio! E vinha fria,
medrosa, a noute sobre nós baixando.

Nós dous, a sombra, o afago morno e brando
do leito... E o horror do sol! E o horror do dia!
De quando em vez, um beijo que fugia...
E um soluço de amor, de vez em quando...

Era assim: era beijo sobre beijo,
abraço sobre abraço... Um só desejo
nunca tiveste que não fosse o meu.

Tal a loucura que de ti me vinha,
que, em te sentindo cada vez mais minha,
eu me sentia cada vez mais teu!

## XXVII

HOJE voltas-me o rosto, si a teu lado
passo; e eu baixo os meus olhos si te avisto.
E assim fazemos, como si com isto
pudessemos varrer nosso passado.

Passo, esquecido de te olhar — coitado!
Vaes — coitada! — esquecida de que existo:
como si nunca tu me houvesses visto,
como si eu sempre não te houvesse amado!

Si, ás vezes, sem querer, nos entrevemos;
si, quando passo, teu olhar me alcança,
si os meus olhos te alcançam, quando vaes,

— ah! só Deus sabe e só nós dous sabemos! —
volta-nos sempre a pallida lembrança
daquelles tempos que não voltam mais!

## XXVIII

DESÁTO a fita azul que prende o maço
das tuas cartas. E, ao fazel-o, creio
revêr ainda o doloroso enleio
com que tu desataste o ultimo abraço.

Toco-as: rangem — e eu cuido ouvir-te o passo;
leio-as — ouço-te a voz emquanto as leio;
beijo-as — sinto o perfume do teu seio
e o calor do teu braço no meu braço...

Ellas me dizem: "Vem! E's minha vida!
Quero viver: não vens... Desilludida,
eu vou morrendo assim todos os dias..."

Susto a leitura, fito a carta e, mudo,
leio, entre as linhas que traçaste, tudo
que tu pensavas e não me escrevias.

## XXIX

NÓS soubemos passar por esta estrada
da vida, a passo cadenciado e certo.
Foi-nos o amor um velho livro aberto,
que nós folheámos de alma deslumbrada.

Findou-se o livro, quando já bem perto
vinha aquella fatal encruzilhada:
dous atalhos contrarios. Fatigada,
tomaste o teu; tomei o meu, incerto.

E como duas sombras silenciosas,
vamos revendo as cousas dolorosas,
as tristissimas cousas desta vida...

Doudos! Nunca pensámos, um segundo,
que, assim oppostos, dando a volta ao mundo,
tornaremos ao ponto de partida!

## XXX

VAMOS, portanto, como dous extranhos,
deixando para traz o nosso ninho!
Desmancha ao vento os caracóes castanhos
do teu cabello, e vae devagarinho!

Devagarinho como eu vou... São ganhos
os momentos perdidos no caminho.
Foi tão curta a illusão, foram tamanhos
os desenganos que provei sósinho!

E é tão pequeno o mundo em que vivemos,
que é impossivel que não nos encontremos,
que não nos encontremos nunca mais!

Ha uma vaga esperança reflectida
nos adeuses que trocam, pela vida,
os que vão como eu vou, como tu vaes!

## XXXI

ERA uma historia simples e sombria
que a minha velha pagem me contava.
Eu tinha a graça da innocencia — e ouvia;
ella, o encanto dos velhos — e falava.

Naquella mesma historia, cada dia,
que novas emoções eu não achava!
"O principe cresceu..." — ella dizia;
"Quando eu fôr como o principe!" — eu pensava.

Deixa tambem que a nossa pobre historia
viva sempre no fundo da memoria
e a tua bocca timida a repita!

Hão de tremer os homens e as mulheres,
cada vez que, contando-a, tu disseres:
"Era uma vez uma mulher bonita..."

## XXXII

QUANDO a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde timida e lavada,
eu sahia a brincar, pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia, de papel, toda uma armada;
e, extendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sargêtas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando nelles,
que não são barcos de ouro os meus ideaes:
são feitos de papel, são como aquelles,

perfeitamente, exactamente eguaes...
— Que os meus barquinhos, lá se foram elles!
Foram-se embora e não voltaram mais!

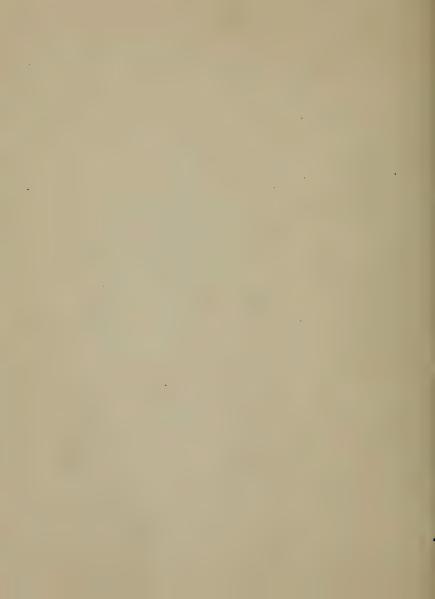
## XXXIII

OUTOMNO. As folhas tombam ao sol poente...
Num espreguiçamento de folhagem,
maio boceja pensativamente,
na tristeza infinita da paizagem.

Folhas soltas ao vento: solto á aragem,
vae meu ultimo sonho á amiga ausente...
Inutilmente as arvores reajem,
e eu reajo tambem inutilmente!

E sinto, arvore triste e abandonada,
que já branqueja meu cabello preto,
que amarelecem arvores na estrada...

Que o vento vae levar, rumo diverso,
do ultimo galho e do ultimo soneto
a ultima folha e o derradeiro verso!

# A DANÇA DAS HORAS

## A DANÇA DAS HORAS

FREMITO de azas, vibração ligeira
de pés alvos e nús,
que dançam, tontos, como dança a poeira
numa restea de luz...

São as horas, que descem por um fio
de cabello do sol,
e vivem num contínuo corrupio,
mais obedientes do que o girasol.

Dançando, as doze bailarinas tecem
a vida; e, embora irmãs,
não se vêm, não se dão, não se parecem
as doze tecelãs!

E, de mãos dadas, confundidas quasi
no invisivel sabbat,
ellas são silenciosas como a gase,
ou farfalhantes como o tafetá.

Frageis: têm a estructura inconsistente
da teia immaterial,
que uma aranha teceu pacientemente
nos teares de um rosal.

E, entre tules volantes, noite e dia,
o alado torvelim
vertiginosamente rodopia,
numa elasticidade de Arlequim!

Vêm coroadas de rosas, num remoinho
cambiante de ouro em pó:
cada rosa, que esconde o seu espinho,
dura um minuto só.

Sessenta rosas, vivas como brazas,
traz cada uma; e, ao bater
da talagarça diaphana das azas,
põem-se as corôas a resplandecer...

A' proporção que gira á minha frente
o bailado fugaz,
cada grinalda, vagarosamente,
aos poucos, se desfaz.

E quando as doze dançarinas, feitas
de plumas, vão recuar,
levam as frontes, claras e perfeitas,
circumdadas de espinhos, a sangrar...

Assim, depois que a extranha sarabanda
na sombra se dilúe,
penso, vendo o outro bando que ciranda
em torno do que fui,

que ha uma alma em cada gesto e em cada passo
das horas que se vão:
pois fica a sombra de seu véo no espaço,
fica o silencio de seus pés no chão!...

## "ARS AMANDI"

### I

ANTES que venha a bem amada, fecha
tua janella azul, para que o sol não corra
pela sala, veloz como uma flecha,
e, ferido de luz, o teu amor não morra.

Não que devas temer vel-a: onde estejas
— no teu sonho, no mundo, ante Deus, entre o povo —
nunca a verás demais por mais que a vejas,
porque tudo que é bello é eternamente novo!

Fecha a tua janella, para veres,
como o olhar se habitúa á treva pouco a pouco,
mais demorado o gosto dos prazeres,
mais lenta a percepção do teu desejo louco.

Corta os fios de sol, apaga-os, vence-os!
Quando a amada entrar lenta e coroada de flores,
hão de rodeal-a as luzes e os silencios,
as penumbras e os sons, os perfumes e as cores!

II

Quando chegar a bem amada, faze
com que ella mesma, pouco a pouco, te convença,
pelo olhar, pelo gesto, pela phrase,
que é uma nova mulher que te procura! Pensa

que é uma tua inimiga que te ameaça,
que te traz um prazer e um arrependimento:
gozo doudo e fugaz — que é uma fumaça,
remorso — que é um carvão apagado e cinzento...

Defende-te! E quando ella, como um barco,
riscar o lago azul da tua vida quieta,
reteza o pensamento como um arco:
e a phrase ha de partir, prompta como uma setta!

Flecha após flecha, umas nas outras crava:
terás feito um cordão por onde irás prendel-a!
Exgotta sem piedade a tua aljava,
que ella mesma, depois, ha de saber enchel-a!

## III

Sê solitario em teu amor! Procura
crêr que estás só, quando ella estiver a teu lado:
terás então essa desenvoltura,
que é para todo amor meio caminho andado.

O amor é o poema do egoismo. Busca
beijar-te no teu beijo e em teu braço abraçar-te:
tua volupia será menos brusca
e teu prazer terá mais belleza e mais arte.

Faze com que ao amor tu te acostumes,
sem sentires o bem e o mal que elle te faça,
pois o amor deve ser como os perfumes:
quem os traz já não sente o que sente quem passa.

Compara o gozo de hoje ao mais agudo,
ao mais forte, ao melhor da tua mocidade:
si fôr egual, será o maior, pois tudo
augmenta, quando visto atravez da saudade!

## IV

Antes que parta a bem amada, evita
deixar que amadureça o prazer de um minuto!
Colhe a flor que perfuma e que palpita:
muitas vezes a flor vale mais do que o fructo.

E si um desejo em tua carne esfria,
busca outro, antes que o ardor do teu corpo o consuma:
para haver a mais simples melodia
uma nota não basta — é preciso mais de uma.

Prepara o teu passado: prophetiza
o que dirás do gozo a que hoje te aventuras!
Lembra-te sempre de que o amor precisa,
não de remorsos, mas de saudades futuras...

E esse gozo ha de ser imperecivel,
pois teu amor será como a espiral de fumo,
que deleitou teu paladar sensivel
e ainda te encanta o olhar que lhe acompanha o rumo!

## V

Quando partir a bem amada, corre
á janella: abre-a ao sol, ao céo, á luz, á vida!
Que entre um pouco de tudo o que não morre,
junto aos restos mortaes de uma hora bem vivida!

Não que devas tentar varrer agora
o que ficou da amada e que te mortifica.
Debalde o tentarás: não se evapora
o que fica de alguem, porque é na alma que fica.

Abre a janella, para que a alma possa
comparar o esplendor da natureza viva
á belleza do amor, que ainda te roça
a carne moça e forte, ardente e sensitiva!

Abre-a! Que entrem perfumes, luzes, cores,
sombras, silencios, sons...— todo o cortejo antigo
da amada! E, á luz dos poentes scismadores,
tu pensarás então que ella ainda está comtigo!

## A EXALTAÇÃO DOS SENTIDOS

O outomno despe os platanos, tecendo,
ao longo da alameda,
uma complicação de talagarça...
Machinalmente extendo
o olhar vadio: um turbilhão de seda
foge, num passo elastico de garça.

Sigo a silhueta: a curva agil do salto
toca, leve, o betume.
Sigo-a... E, seguindo a seducção fugace
daquella flor do asphalto,
embriaga-me um anonymo perfume
que é como um beijo que se evaporasse...

Alcanço-a, falo. E ella responde, a esmo,
qualquer cousa que tange
no bojo azul da tarde cor de opala...
E eu não distingo mesmo
si é sua voz de tafetá que range,
si é o ranger do vestido que me fala.

Toco-a de leve e com uncção tamanha
— a uncção que o outomno evoca —
que sinto apenas que por mim perpassa
a sensação extranha
que acaricia os dedos de quem toca
um pensamento, um sonho, uma fumaça...

Beijo-a: sinto um sabor inedito e acre.
E, beijando-a, parece
que a não beijei, mas que a provei... E' como
si a uma flor cor de lacre
houvesse haurido o pollen, ou tivesse
mordido a polpa histerica de um pomo.

Deixo-a... Eu nunca suppuz que, eternamente,
meus olhos, meu olfacto,
meu paladar, meu tacto e meus ouvidos,
sentiriam sómente
essa que hoje é o meu extase insensato
e a eterna exaltação dos meus sentidos!

## FLOR DO ASPHALTO

FLOR do asphalto, encantada flor de seda,
suggestão de um crepusculo de outomno,
ha no teu gesto o languido abandono
de uma folha que cae, tonta de somno,
riscando a solidão de uma alameda...

Trazes nos olhos a melancolia
das longas perspectivas parallelas,
das avenidas outomnaes, daquellas
ruas cheias de folhas amarellas,
sob um silencio de tapeçaria...

Em tua voz nervosa tumultua
essa voz de folhagens desbotadas,
quando choram ao longo das calçadas,
symetricas, eguaes e abandonadas,
as arvores tristissimas da rua!

Flor da cidade, em teu perfume existe
qualquer cousa que lembra folhas mortas,
sombras de pôr de sol, arvores tortas,
pela rua calada em que recortas
tua silhueta extravagante e triste...

Flor de volupia, flor de mocidade,
teu vulto, penetrante como um gume,
passa e, passando, como que resume,
no olhar, na voz, no gesto e no perfume,
a vida singular desta cidade!

## AS BONECAS

DENTRE os geranios da janella,
debruço os olhos sobre o asphalto:
ha um silencioso sobresalto
pela folhagem amarella,
sob o céo largo, de cobalto.

Na rua, então, daqui, dalli,
vejo surgirem, uma atraz
de outra, as bonecas... E, fugaz,
o bando vae num frenesi,
num frenesi de tafetás.

E as flores timidas da moda,
pela calçada de quadrados
brancos e pretos alternados,
deslisam, param, fazem roda,
cheias de risos desbotados.

Sobre esse manto de Arlequim
as figurinhas vão... Talvez,
com sua fragil languidez,
pareçam peças de marfim
no taboleiro de um xadrez!

Visão de haschich ou sonho de opio,
cada uma dellas é um pedaço
de luz e cor no vidro baço
de um singular kaleidoscopio,
que a tarde gira pelo espaço...

São como insectos a dançar
dentro de um grande girasol;
bonecas que fios de sol
fazem mover e cirandar,
num palco enorme de guignol!

São lindas! Mas, para que ondule
mais leve o bando que perpassa,
surges tambem, cheia de graça,
de luz, de nervos e de tule,
com movimentos de fumaça...

E eu penso então, vendo-te vir,
que, num remoinho de ouro em pó
e numa nuvem de filó,
todas acabam por sumir
para fundir-se numa só!

## O IDYLLIO SUAVE

CHEGAS. Vens tão ligeira
e és tão anciosamente esperada, que emfim,
nem te sentindo o passo e já te tendo inteira,
completamente em mim,
quando, toda Watteau, silenciosa, appareces,
é como si não viesses.

Vens... E ficas tão perto
de mim, e tão diluida em minha solidão,
que eu me sinto sósinho e acho immenso e deserto
e vasio o salão...
E, sem te ouvir nem vêr, arde-me em febre a face,
como si eu te esperasse!

Partes. Mas é tão pouco
o que de ti se vae, que ainda te vejo o arfar
do seio, e o teu cabello, e o teu vestido louco,
e a caricia do olhar,
e a tua bocca em flor a dizer-me doidices,
como si não partisses!

## QUE EXTRANHA MELODIA...

QUE extranha melodia
sobe das tuas mãos de porcelana
e das teclas nervosas de marfim!
Com tons antigos de tapeçaria,
a paizagem de maio é quasi humana,
sob o céo cor de cinza como o spleen...

O piano sensitivo,
ao contacto do outomno e dos teus dedos,
crispa os nervos sonoros de metal.
No parque ha um pôr de sol contemplativo
e um espreguiçamento de arvoredos,
dentro da tarde sobrenatural.

E' a musica do outomno,
é o aspero ranger das folhas soltas
que enche o bojo do piano singular.
As folhas tombam languidas de somno,
e as notas sobem leves, como envoltas
numa nuvem de gase e de foulard...

Desbotada, lá fóra,
esvoaça a ultima folha; e, desbotado,
o ultimo accorde esvoaça no salão...
Que extranha melodia sobe agora
dos teus dedos dormindo no teclado,
do meu beijo cantando em tua mão!

## ROSA DA PERSIA

AINDA hontem, sobre o piano, esta rosa da Persia
vivia numa suave e langorosa inercia,
colhida ao seu canteiro e ao seu sol — mas vivia...
E vivia talvez daquella melodia
que tua mão tirou dançando no teclado,
desse nocturno tão saudoso e tão velado
que fazia pensar que era o proprio perfume
da rosa que roçasse o ouvido, num queixume...

Hoje, porque este sol te enervasse, feriste
uma nota violenta, alta, vibrante e triste.
O piano estremeceu e a rosa desfolhou-se
numa agonia leve, e delicada, e doce...
Petalas a rolar sobre marfins doentios
e sobre a excitação de dez dedos esguios...

Pobre rosa da Persia, o nosso amor, medrosa,
serenamente, vive em minha alma harmoniosa.
Feres na alma sonora um nocturno, em surdina:
e ha um perfume de sons em tua mão divina...
Mas, retem a nevrose em que te exaltas! Olha
que, si o piano estremece, a rosa se desfolha!

## HARMONIA VERMELHA

O teu beijo resume
todas as sensações dos meus sentidos.
A cor, o gosto, o tacto, a musica, o perfume
dos teus labios accesos e extendidos,
fazem a escala ardente com que acordas
o fauno encantador
que, na lyra sensual de cinco cordas,
tange a canção do amor!

E o tacto mais vibrante,
o sabor mais subtil, a cor mais louca,
o perfume mais doudo, o som mais provocante
moram na flor triumphal da tua bocca!
Flor que se olha, e ouve, e toca, e prova, e aspira;
flor de alma, que é tambem
um accorde vermelho em minha lyra;
que é meu mal e é meu bem...

Si uma emoção extranha
— o gosto de uma fructa, a luz de um poente —
chega a mim, não sei de onde, e bruscamente ganha
qualquer sentido meu, é a ti sómente
que ouço, ou aspiro, ou provo, ou toco, ou vejo...
E acabo por pensar
que qualquer emoção vem de um teu beijo
que anda disperso no ar...

## MALMEQUER

PASSAS horas inteiras debruçada
sobre a immobilidade dos meus olhos.
Tomo-te os dedos — tua mão de fada
é como um malmequer... Beijo-os, desfolho-os...

Mal me quer, bem me quer... Entre os meus dedos
passam longas caricias de velludo.
Tua bocca de esmalte tem segredos,
mas teus olhos de amendoa dizem tudo!

Dizem que ha uma volupia cor de sangue
occulta entre teus dedos sensitivos:
— antes que murche tua mão exangue
na ponta dos teus braços convulsivos,

deixa que eu a desfolhe... E, emquanto escorrem
teus finos dedos desarticulados,
pensa que muitos malmequeres morrem
tristes, porque não foram desfolhados!

## A CARICIA DOS DEDOS

DOCE caricia dos teus dedos
longos, nervosos, de faiança!
As tuas mãos são meus brinquedos,
são meus brinquedos de creança...
Doce caricia dos teus dedos
que meu beijo procura e só meu sonho alcança!

Dedos affeitos ao carinho
suave das cordas harmoniosas;
a abrir missaes de pergaminho,
martyrizar lirios e rosas...
Dedos affeitos ao carinho
de tudo que produz perturbações nervosas!

Dedos repletos de malicia,
de um sentimentalismo agudo;
acostumados á caricia
das almofadas de velludo...
Dedos repletos de malicia,
que podem quasi nada e que conseguem tudo!

Dedos de luz, que até parece
que de um vitral alguma santa
deixou cahir durante a prece...
No piano têm tanta alma, tanta,
— dedos de luz! — que até parece
que é o teclado que toca e é tua mão que canta!

Desses teus dedos fiz, um dia,
os cinco tubos de uma avena:
e eram tão cheios de harmonia,
que da excitante cantilena
desses teus dedos fiz, um dia,
essa alma musical que ha em minha alma terrena...

Teus cinco dedos me provocam
o olhar, os labios, os ouvidos,
as mãos, o olfacto... E si me tocam,
intencionaes ou distrahidos,
teus cinco dedos me provocam
a melhor sensação dos meus cinco sentidos!

## O CIUME

MINHA melhor lembrança é esse instante no qual,
pela primeira vez, me entrou pela retina
tua silhueta provocante e fina
como um punhal.
Depois passaste a ser unicamente aquella
que a gente se habitua a achar apenas bella
e que é quasi banal.

E agora que te tenho em minhas mãos, e sei
que os teus nervos se enfeixam todos em meus dedos,
e os teus sentidos são cinco brinquedos,
com que brinquei;
agora que não mais me és inedita; agora
que comprehendo que, tal como eu te vira outrora,
nunca mais te verei;

agora que, de ti, por muito que me dês,
já não me pódes dar a impressão que me déste,
a primeira impressão que me fizeste,
— louco, talvez,
tenho ciume de quem não te conhece ainda
e, cedo ou tarde, te verá, pallida e linda.
pela primeira vez!

## FETICHISMO

SOU fetichista, adoro tudo
que é teu: a pagina marcada
de um livro; o somno de velludo
da tua languida almofada;
um cravo esplendido e vermelho
que morre; a vida singular
que tu puzeste em cada espelho,
ao sortilegio de um olhar;

aquelle accorde, aquella escala
que do teu piano andou suspensa
na resonancia desta sala;
a tua lampada; a presença
imperativa de um perfume;
o teu chapéo... — tudo afinal
que vem de ti, que te resume,
tem seu prestigio emocional!

E este contacto voluptuoso
com tanta cousa evocativa
é tão sensual, tão delicioso
para minha alma sensitiva,
que espero, cheio de anciedade,
cada momento em que te vaes,
e chego mesmo a ter vontade
de que não voltes nunca maís!

## O FRASCO VASIO

ENTRO. A alcova deserta
tem a immobilidade santa de uma imagem...
O livro está fechado. A ampla janella, aberta
para o spleen da paizagem,
não enquadra a silhueta galga e fina
do teu corpo de moça e de menina.

Não estás. Entretanto,
tão contagiosa é a graça infinita que exhalas,
que em tudo que me cerca ha um pouco desse encanto
com que andas, com que falas,
com que me olhas a rir, com que me illudes,
com que tomas extranhas attitudes...

Olho o tapete fofo:
ainda traz a impressão dos teus tacões delgados;
e o divan preguiçoso ainda guarda no estofo
os traços delicados
do teu corpo, e dir-se-ia que ainda gosa
um contacto de carnes cor de rosa...

O alto espelho parece
rir, feliz de te haver possuido inteira e nua;
e, na alcova deserta, onde nada te esquece,
levemente fluctua
o store claro, recordando quasi
o teu vestido immaterial de gase...

Portanto, a tua ausencia
é uma vaga presença, esbatida em tons frios...
E este aposento lembra, assim, sem tua essencia,
esses frascos vasios
que guardam sempre no crystal, comsigo,
uma lembrança do perfume antigo...

## O ESPELHO

O espelho põe na alcova abandonada
uma vida imprevista e delicada:

vida subtil que é a tua propria vida,
que é uma presença pallida e esbatida

e que elle guarda no crystal, com ciume,
como um frasco qualquer guarda um perfume.

E quando o poente desce e, lento e lento,
caminha devagar pelo aposento,

e a lampada abre as palpebras e me olha,
e a derradeira rosa se desfolha,

e o olhar das joias no teu cofre brilha,
e das cinzas de uma ultima pastilha,

no teu perfumador de onix e jade,
sobe um perfume antigo de saudade

— eu me approximo, sem me vêr, do espelho
e, sem querer, não sei porque, me ajoelho.

Olho no fundo do crystal: e, rubro,
fresco e sensual como uma flor, descubro

teu sorriso; e pequeno, e doce, o pomo
do teu seio; e os teus olhos que são como

dous pensamentos materializados;
e os teus cabellos de ouro, allucinados;

e as tuas mãos, que são como dous lirios;
e os teus braços de cera, como cirios

accesos de volupia e de desejo;
e o teu corpo excitante como um beijo...

Olho-te assim, e te supplico, e rogo:
extendo as mãos e extendo a bocca... E, logo,

mal o meu gesto o alcança, o vidro puro
faz-se ennevoado e baço... E eu te procuro

no fundo calmo do crystal fanado:
quebrou-se o encanto... Em vão! tudo apagado!

Olho a alcova deserta e silenciosa:
dormiu a lampada; está morta a rosa;

sonham as joias no teu cofre antigo;
e o teu perfumador guarda comsigo,

como urna funebre, uma cinza clara,
que é o cadaver do aroma que passára...

Tudo que em mim é vida: o alento mudo
da bocca, o fogo do meu corpo, tudo

— como um insecto timido que risca
a agua dormente, perturbando a arisca

apparição da lua á flor de um lago —
desmancha o encanto mysterioso e vago

da visão delicada de um momento,
mais fugidia do que um pensamento...

Será preciso que eu, ó sonho esquivo,
para alcançar-te, não esteja vivo?!

## MEU LINDO GALHO DE SALGUEIRO

És magra, extranha e delicada;
flexivel como um galho de salgueiro,
que, um dia, mergulhou na agua estagnada
do meu olhar hospitaleiro.

E, desde então, nessa attitude,
vives eternamente perturbando
a superficie espiritual do açude,
que já não dorme — e vae sonhando...

Mas todo sonho é como bolha
dourada de sabão... O outomno, um dia,
virá tirar-te a derradeira folha
com sua mão cinzenta e fria.

E, entre juncaes e arvores tortas,
á flor do velho lago hospitaleiro,
hão de boiar as tuas folhas mortas,
meu lindo galho de salgueiro!

## OS TRES GESTOS

VÊS? Tres gestos sómente: um olhar descuidado,
que era um desejo volatilizado,
que era a luz de um desejo;
dous labios extendidos para o beijo
e o teu roupão cahindo a meus pés, molle e lento
como um consentimento...

Tres gestos, nada mais! Foi pouco, mas o resto
foi a repetição de cada gesto
dessa suave trindade;
foi a continuação, foi a saudade
do olhar, do beijo e do consentimento — a gloria
de toda a nossa historia!

Tanto tempo passou! E hoje que te olho ainda,
e te beijo, e consentes, calma e linda,
neste amor, tu duvidas
que tres eternidades, que tres vidas
— esse olhar, esse beijo, esse consentimento —
coubessem num momento!

## O MOMENTO DO AMOR

O relogio de mogno, antigo, grave, enorme,
dorme
na angustia silenciosa
dos immensos salões abandonados,
na alma dos Gobelins, na vida mysteriosa
dos espelhos fanados...

Dorme parado e marca
uma hora do passado, uma hora velha, uma hora
de outrora...
E lembra-se da mão que abrira, um dia, uma arca
de páo santo, e tirára a peruca, os pantufos
e o vestido de tufos,
para o minuete,
sobre a volupia do tapete...
E recorda-se então da marquezinha empoada,
afogada em setins, espartilhada:
uma estatueta de faiança...
E do cravo de Hollanda que rompêra
os compassos de uma dança,
que era um sonho de sons na tarde cor de cera...
E do galante fidalgo
que, apoiado ao bastão de porcelana,
num passo airoso de galgo,
leve como uma renda valenciana,
tomára docemente a mão medrosa e pura

da marquezinha toda Seculo XVIII,
e numa velha mesura,
com muito de cortez e algum tanto de afoito,
como si todos os sentidos
aflorassem-lhe á bocca, num momento,
beijou-lhe os labios distrahidos,
num beijo esplendido e violento!

O relogio viu tudo...
E, no velho silencio de velludo
que a musica rascante desse beijo
bruscamente eriçou,
tremeu, ciumento e mudo, á frente do cortejo
das horas... e parou!
Parou... E agora, immovel mas radiante,
vive marcando com saudade
o instante desse beijo, aquelle instante
que ficou sendo uma serena eternidade...

Ha corações que param no passado...
No seu silencio sagrado

elles repetem agora
um silencio de outrora...
E' o silencio que existe na furtiva,
na saudosa attitude
da bocca que se entrega ou que se esquiva,
da mão que diz adeus ou que lança uma flor...
Porque ha uma eternidade, ha um céo que não illude
no momento do amor!

## A ILLUSÃO DOS SENTIDOS

Um olhar sem sentido,
perdido na emoção de uma tarde, perdido
na perspectiva egual de uma alameda,
segue a illusão do teu vestido suave
que perpassa no somno azul da tarde grave,
como um sonho de seda.

Um perfume sem nome,
que fica no teu rastro e sobe, e gira, e some
na prostração de um pôr de sol de maio,
dá-me a impressão de que é este proprio outomno
evaporado, dá-me indolencias de somno,
sensações de desmaio...

Uma palavra louca,
que é a tarde musical cantando em tua bocca,
mistura-se ao ranger do teu vestido,
que me fala da branca intimidade
do teu corpo, e me conta a tua mocidade,
baixinho, ao meu ouvido...

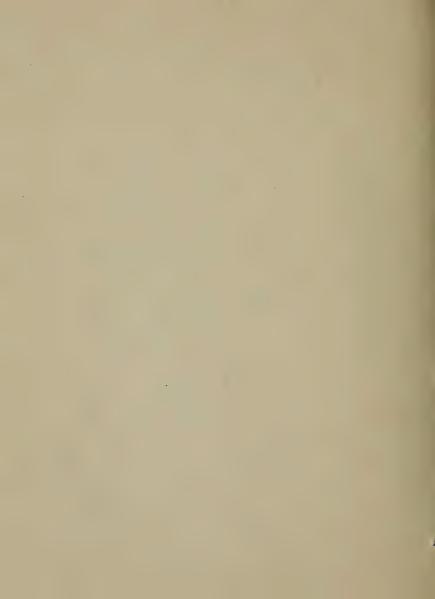
Um gesto futil, nada
mais que o leve roçar dos teus dedos de fada,
e eis meus nervos vibrando á flor da pelle:
eil-os sentindo successivamente
as sensações que vão do gesto que consente
ao gesto que repelle.

Um beijo, um simples beijo,
— o contacto subtil das azas de um desejo —
pousa em teu corpo fino como um gume:
fere-se e morre... E entre os meus labios fica
o sonho de uma bocca anciosa que supplica
e o gosto de um perfume!

Illusão dos sentidos!
Olfacto, ouvido, olhar, tacto e gosto diluidos
num só sentido, para um só momento!
— O que tu me deixaste, ó flor do asphalto,
foi apenas um doce, um cadenciado, um alto,
um longo pensamento!

# SUAVE COLHEITA

# POEMAS DE AÇO

## I

## PORTICO

QUE nestes versos haja as aureas fórmas puras
que os besantes mantêm nos velhos cunhos seus;
e o heraldico lavor das epicas figuras
que a Renascença abriu na alma dos camapheus!

Que elles tenham (lembrando antigas aventuras
sob a cruz de Bulhão, nos batalhões de Deus)
a heroica rigidez das nobres armaduras
que dormem na penumbra eterna dos museus!

Que elles sigam tambem de montante e loriga,
de alabarda e broquel! Que esta phalange siga
a Cruzada do amor, bradando: "Deus o quer!"

Para que vivam sempre em todo tempo e espaço,
levam, no brilho do ouro e na rijeza do aço,
o sonho de um artista e o amor de uma mulher!

## II

## A MELHOR CONQUISTA

ESTA panoplia goda, em que puzéra outrora
seus trophéos um Senhor de pendão e caldeira,
na sala de um museu boceja e dorme agora
um somno de bolôr, de ferrugem, de poeira...

São manoplas, braçaes, frankisks, ferrões de espora,
tarjas, elmos sem pluma e cuja audaz viseira
parece que desceu sobre um olhar que chora
a desapparição de uma estirpe guerreira.

Contam que seu Senhor, certa vez, em memoria
da conquista, que foi sua maior victoria
e a glorificação de toda a sua vida,

chamou cinco donzeis e um escudeiro e fel-os
pendurar na panoplia uma trança brunida
de louros, divinaes, esplendidos cabellos!

## III

## CAVALLEIRO DO AMOR

Cavalleiro do Amor, sobe á armaria e cinge
o teu saio de malha, a eril sapata e o guante!
Arrocha o arnez, empluma o casco, ergue o montante
e enjaula, na viseira, o teu olhar de esphinge!

Vem, desce ao pateo e monta o teu corcel possante;
enrista a lança audaz que roça a adarga e ringe;
transpõe o fosso — e vae, e verte o sangue, e tinge
de góles teu brazão, ó Cavalleiro-andante!

Vae, vence! E, vencedor, dirás: "Eu, si fui forte,
si desprezei a vida e si affrontei a morte,
é que amei, é que amei como ninguem mais ama!

E fiz, pela paixão que neste peito encerro,
meu arnez mais tenaz que o meu amor de ferro,
meu gladio mais fatal que o olhar da minha dama!"

## IV

## O HERÓE

FULVO Heróe medieval, cavalleiro do sonho,
no heraldico fulgor da couraça e da gloria,
e ao epico trotar do meu corcel, transponho
a vaga Palestina inhospita e illusoria!

Hão de as damas chorar-me—e ouvir-lhes-ei, tristonho,
mil xácaras de amor, nas pompas da victoria;
hão de os bardos cantar-me — e passarei, risonho,
da voz dos menestreis ás paginas da historia...

"Porque sempre trotou na frente o teu ginete?
Porque, no tôpo audaz do altivo capacete,
sempre trouxeste a pluma heroica, desfraldada?"

— E' que fui nobre e amei! E' que levei commigo,
no meu peito os brazões de um cavalleiro antigo,
e um nome de mulher na cruz de minha espada!

## V

## PERCEVAL

ELLE, o monge, dizia: "Eu fui glorioso e forte:
chamavam-me, no mundo, o Bello Perceval...
Muito alfange inimigo, embaixador da morte,
estalou no broquel pregado ao meu braçal!

Por Brancaflor venci, sósinho, uma cohórte;
zombei do Rei Arthur, matando-lhe o rival;
ao brilho do meu nome e esplendor do meu porte
eu conquistei a gloria, um throno e o Santo Graal!

Depois... fiz-me eremita. E, á sombra de uma penha,
eu vesti, sem amor, sem fé, sem esperança,
sobre a armadura de aço o manto de estamenha...

Porque — ai de mim! — si o meu arnez nunca siquer
deixou que perpassasse a ponta de uma lança,
tambem não quiz que entrasse o olhar de uma mulher!"

## VI

## O JOGRAL

EIL-O! Sob o faiscar de escarneos e sorrisos,
no sombrio salão de um grão senhor feudal,
sacóde a bossa e arrasta a ironica brial
de tufos, de galões, de fitas e de guizos...

Guincha, e gagueja, e salta, e canta... E, entre indecisos
clarões de lampadario e a graça medieval
das damas e galãs, o misero jogral
vae diminuindo a dor e exagerando os risos...

Ninguem sabe entender os seus esgares bufos,
porque elle veste o amor, a corcunda e a tristeza
de fitas, de galões, de guizos e de tufos...

E vae levando assim — sentimental truão! —
glorioso de fazer sorrir sua princeza,
a dor no fundo da alma e um titere na mão!

## VII

## O FORAGIDO

ALLI, naquella velha alcáçova do Algarve,
que a mandrágora envolve e aos seculos resiste,
ella, um dia, o trahiu. E a villania alarve
viu partir seu Senhor armado, altivo e triste.

Elle atou á escarcella a rude lança em riste;
derreou os gonfalões das albarrãs de adarve;
transpoz a levadiça... E armado, altivo e triste,
partiu daquella velha alcáçova do Algarve...

E para ninguem rir dos seus padrões de gloria,
nem lêr nunca em seu rosto a sua triste historia,
tirou a Cruz de Aviz do flanco da espaldeira;

no timbre do morrião poz quatro plumas pretas
e fez soldar, ao som de trinta e tres trombetas,
no barbóte do casco as bordas da viseira!

## VIII

## ULTIMA CRUZADA

UM dia, elle partiu sedento de aventura.
Desmontou-se a panoplia; a ponte levadiça
surdamente gemeu na perra dobradiça,
e o clarim de um arauto estrugiu pela altura...

E elle passou — famoso heróe de alta bravura —
ao tremulo adejar da pluma movediça...
Passou, em riste a lança enfarpada e massiça,
rangendo no imbricado de aço da armadura...

E elle, o grande Senhor de baraço e cutello,
elle, o Conquistador, dos homens o mais bello,
o mais audaz, o mais feliz, o mais risonho,

— ai delle! — nunca mais voltou dessa Cruzada
que o fez perder a lança e o fez quebrar a espada
ante o Santo Sepulchro em que escondêra um sonho!

## IX

## CASTELLO-NO-AR

EU já quiz ser, no ardor da minha vida antiga,
Cid Campeador, Roldão, Perceval, Dom Quichote!
Já quiz, do alto de um sonho e dentro da loriga,
vêr o mundo atravez das frestas do barbóte...

Sobre um urco alazão, que o xairél de aço abriga,
quantas vezes, entregue ao corcovear do trote,
julguei sentir, na confusão da horda inimiga,
ranger a arma de Islam na tarja do mangóte!

Mas meu arnez foi um gibão de velludilho;
minha arma, uma guitarra ardente e apaixonada
e meu grito de guerra, um tremulo estribilho...

Porque eu nada mais fui que um pobre trovador,
que andou cantando o sol de uma fronte dourada,
pelo Castello-no-Ar de um derradeiro amor!

# OS ULTIMOS ROMANTICOS

## I

## A MUSICA ETERNA

A tarde me convida.
Chego á janella e escuto. Extorce-se um realejo;
uma bigorna geme; um sino, que não vejo,
dobra perdidamente; uma ave aborrecida
gorgeia na gaiola e silva um trem que parte...
Em toda parte sinto e escuto em toda parte
a musica da vida.

Tange, distante, um sino...
E eu começo a pensar nos tristes presbyterios,
na alvura sepulchral dos frios cemiterios,
onde o canto do bronze abre a cova... E imagino
a indifferença alvar de um rustico sineiro
e a insensibilidade amarga de um coveiro
aos golpes do destino.

Longe, um realejo envia
á caridade a voz de um grande desengano...
E vem me segredar, scepticamente humano,
que a unica verdade é o pão de cada dia.
Na paz espiritual da tarde silenciosa,
essa voz me desperta uma visão bondosa
da dor bohemia e vadia.

Um passaro, em surdina,
canta — chora, talvez... Mão perversa roubou-o
á liberdade azul do seu primeiro vôo...

E elle faz tão serena a angustia que o fulmina,
que é naquella canção que a sua dor se expande...
Mas a gente não crê que caiba dor tão grande
numa ave pequenina!

Uma bigorna canta.
E' o orgão que acompanha a missa do trabalho...
Chispa em braza o metal... Tomba e retomba o malho...
Dos homens feitos de aço um clamor se levanta...
Na poeira de carvão da negra usina em chamma,
o canto do progresso apaga a voz que clama,
matando-a na garganta!

Um comboio que apita...
E' a lagrima... E' o adeus... São braços que se apertam
desesperadamente e que se desapertam
para sempre, talvez... E a saudade infinita...
E o symbolismo atroz dos trilhos parallelos
que não se encontram mais... Varre os sonhos mais bellos
um lenço que se agita!

Por toda parte vejo
subir, galgar o céo, numa ancia dolorida,
o lento cantochão das dores desta vida...
— Que seria de nós si, ao funebre cortejo,
si ao côro universal da grande queixa humana
tambem não se juntasse, eterna e soberana,
a musica de um beijo?!

## II

## ESSA QUE EU HEI DE AMAR...

ESSA que eu hei de amar perdidamente um dia,
será tão loura, e clara, e vagarosa, e bella,
que eu pensarei que é o sol que vem, pela janella,
trazer luz e calor a esta alma escura e fria.

E, quando ella passar, tudo o que eu não sentia
da vida ha de acordar no coração que véla...
E ella irá como o sol, e eu irei atraz della
como sombra feliz... — Tudo isso eu me dizia,

quando alguem me chamou. Olhei: um vulto louro,
e claro, e vagaroso, e bello, na luz de ouro
do poente, me dizia adeus, como um sol triste...

E falou-me de longe: "Eu passei a teu lado,
mas ias tão perdido em teu sonho dourado,
meu pobre sonhador, que nem siquer me viste!"

## III

## ESTA VIDA

UM sabio me dizia: "Esta existencia
não vale a angustia de viver. A sciencia,
si fossemos eternos, num transporte
de desespero, inventaria a morte!
Uma cellula organica apparece
no infinito do tempo: e vibra, e cresce,
e se desdobra, e estala num segundo...
Homem, eis o que somos neste mundo!"
Falou-me assim o sabio e eu comecei a vêr,
dentro da propria morte, o encanto de morrer.

Um monge me dizia: "O' mocidade,
és relampago, ao pé da eternidade!
Pensa: o tempo anda sempre e não repousa...
Esta vida não vale grande cousa:
— uma mulher que chora, um berço a um canto,
o riso ás vezes, quasi sempre o pranto...
Depois, o mundo, a lucta que intimida...
Quatro cirios accesos — eis a vida!"
Isto me disse o monge e eu continuei a vêr,
dentro da propria morte, o encanto de morrer.

Um pobre me dizia: "Para o pobre,
a vida é o pão e o andrajo vil que o cobre.
Deus?... Eu não creio nessa phantasia!
Deus me dá fome e sêde cada dia,
mas nunca me deu pão nem me deu agua...
Nunca! Deu-me a vergonha, a infamia, a magua
de andar, de porta em porta, esfarrapado...
Deu-me esta vida: um pão envenenado!"
Disse-me isto o mendigo e eu continuei a vêr,
dentro da propria morte, o encanto de morrer.

Uma mulher me disse: "Vem commigo!
Fecha os olhos e sonha, meu amigo!
Sonha um lar, uma doce companheira
que queiras muito e que tambem te queira...
Um telhado... Um pennacho de fumaça...
Cortinas muito brancas na vidraça...
Um canario que canta na gaiola...
— Que linda a vida lá por dentro róla!"
Pela primeira vez, eu comecei a vêr,
dentro da propria vida, o encanto de viver!

## IV

## OS ULTIMOS ROMANTICOS

DEIXAS, emquanto o luar branqueia o espaço,
pela escada de seda, o parapeito...
E vens leve e ainda quente do teu leito,
como um sonho de tule, por meu braço...

Somos o par mais poetico e perfeito
dos ultimos romanticos... Teu passo,
cantando no jardim, marca o compasso
do coração que bate no meu peito.

Depois partes e eu fico. E ás escondidas,
sobre a volupia verde das alfombras,
minha sombra confunde-se na tua...

Ah! pudessem fundir-se nossas vidas
como se fundem nossas duas sombras,
sob o mysterio pallido da lua!

## V

## PELAS ESTRADAS SILENCIOSAS...

PELAS estradas silenciosas
andam sonhando os namorados...
Cantam os anjos debruçados
no céo; na terra, abrem-se as rosas...
Andam sonhando os namorados
pelas estradas silenciosas...

O' namorados, cautela,
que os anjos podem chorar!
O' namorados, cautela,
que as rosas podem murchar!

Pelo silencio das estradas
beijam-se os noivos, ao sol-posto...
Timida, a tarde esconde o rosto,
e as nuvens, no alto, estão coradas...
Beijam-se os noivos, ao sol-posto,
pelo silencio das estradas...

Cuidado, noivos, cuidado,
que as nuvens vos podem vêr!
Cuidado, noivos, cuidado,
que a tarde pode soffrer!

Pelo socego dos caminhos
os namorados vão chorando...
Piscam estrellas, namorando;
cheios de paz, dormem os ninhos...
Os namorados vão chorando,
pelo socego dos caminhos...

O' noivos, chorae baixinho,
que as estrellas podem rir!
O' noivos, chorae baixinho,
que os ninhos podem sorrir!

## VI

### DESFOLHO A VIDA...

DESFOLHO a vida como um louco
que desfolhasse um malmequer...
"Amas-me muito?... Nem um pouco
siquer?..."

E ella não vê, não ouve nada:
tinha razão Felix d'Arvers!
Ha um anjo cégo e surdo em cada
mulher.

Mas si eu, em vez de entristecer-me,
nada falar, nada fizer,
qualquer mulher ha de entender-me,
qualquer...

## VII

## MARY

VIVIAMOS alli como no fundo
de um grande sonho de felicidade:
uma porta fechada para o mundo,
uma lampada accesa — que saudade!

Mary tinha a alma leve, o olhar profundo,
e era a moça mais linda da cidade;
eu resumia a vida num segundo,
como todo rapaz da minha idade.

E era assim nosso amor, na noite morta:
como a lampada, ardente e sempre vivo,
fechado ao mundo, como aquella porta...

Mas, certa vez, na alcova ampla e deserta,
encontrei, silencioso e pensativo,
a lampada apagada e a porta aberta!

## VIII

## A CRUEL DELICIA

ONDE? Não sei. Porque? Não sei. Mas como? Quando?
— Eu disso nada sei.
Sei apenas que, emquanto eu delirava amando,
nunca soube que amei.

Nunca! Que me importava? Era muito... Entretanto,
cheguei mesmo a suppôr
que para amal-a assim, que para amal-a tanto
não bastava um amor.

Era preciso mais: que esse amor fosse eterno,
que espedaçasse o véo
que esconde a eternidade e inventasse um inferno,
ou descobrisse um céo.

Um inferno? — Ainda bem: a dor seria doce...
Um céo? — Tanto melhor:
amal-a-ia mais... Como si o amor não fosse
um céo ainda maior!

Sem soffrer, sem gosar, passei da dor mais brusca
ao mais brusco prazer,
buscando-a loucamente, assim como quem busca
uma razão de ser.

E ella fugindo sempre... E eu procurando-a, doudo,
sempre mais, sempre em vão,
deslembrado talvez de que o amor está todo
apenas na illusão!

Quiz perdoal-a, esquecel-a... E vi que me faltava
força para querer:
eu amava demais para perdoar, amava
demais para esquecer!

Sentindo que seria impossivel privar-me
della que estava em mim,
convenci-me de que só me restava odiar-me
por tel-a amado assim.

Quiz odiar-me, tentei odiar-me sem clemencia,
detestar-me... Porém,
amei-me, idolatrei a minha propria essencia,
que era a della tambem.

E, amado por mim mesmo, amando-a em mim, eu devo
hoje em dia contar,
nas rugas do meu rosto e nas canções que escrevo,
a delicia de amar!

## IX

## A SAUDADE DAS FOLHAS

SOBRE o meu banco ancião, junto ás arvores tortas,
venho soffrer o outomno da alameda.
Ha um ranger enervante e bom de folhas mortas
na paizagem finissima de seda.

E extende-se a meus pés a tristeza de tudo
que fui, que foste, do que sou, do que és...
E as arvores tambem têm, no chão de velludo,
a saudade das folhas a seus pés...

## X

## SAUDADE

Só.
Para além da janella,
nem uma nuvem, nem uma folha amarella
manchando o dia de ouro em pó...
Mas, aqui dentro, quanta bruma,
quanta folha cahindo, uma por uma,
dentro da vida de quem vive só!

Só — palavra fingida,
palavra inutil, pois quem sente
saudade, nunca está sósinho e a gente
tem saudade de tudo nesta vida...
De tudo! De uma espera
por uma tarde azul de primavera;
de um silencio, da musica de um pé
cantando pela escada;
de um véo erguido, de uma bocca abandonada,
de um divan, de um adeus, de uma lagrima até!

No emtanto, no momento,
tudo isso passa
na aza do vento,
como um simples novello de fumaça...
E é só depois de velho, uma tarde esquecida,
que a gente se surprehende a resmungar:
"Foi tudo o que vivi de toda a minha vida!"
E começa a chorar...

## XI

## SPLEEN

E a vida continúa... E continúa
o mesmo outomno e o mesmo tedio... Os galhos
vão ficando tão nús, a alma tão núa,
e os meus cabellos pretos tão grisalhos!

Vem ahi Dom Inverno... Vem com sua
neurasthenia... Uns ultimos retalhos
de folhas mortas passam pela rua:
e passa o bando dos meus sonhos falhos...

Triste inutilidade desta vida!
Uma arvore ainda espera, aborrecida,
uma impossivel primavera... E ao vêr

sua silhueta rendilhando o poente,
penso em alguem que espero inutilmente,
numa inutil vontade de viver!

# SERENIDADE

## I

### AMOR, FELICIDADE...

INFELIZ de quem passa pelo mundo,
procurando no amor felicidade:
a mais linda illusão dura um segundo,
e dura a vida inteira uma saudade.

Taça repleta, o amor, no mais profundo
intimo, esconde a joia da verdade:
só depois de vasia mostra o fundo,
só depois de embriagar a mocidade...

Ah! quanto namorado descontente,
escutando a palavra confidente
que o coração murmura e a voz não diz,

percebe que, afinal, por seu peccado,
tanto lhe falta para ser amado,
quanto lhe basta para ser feliz!

## II

## A UM POETA

POETA da rua, vaes... E, á tua frente
teus sonhos, tuas illusões douradas
vão como as folhas mortas: tristemente,
sobre ó dorso veloz das enxurradas.

Quando sobe, redonda e transparente,
a lua subterranea das balladas,
tua sombra te segue mudamente,
conspirando comtigo nas calçadas...

Si, erguendo os braços, o teu vulto atira
um gesto á gloria, na ancia de alcançal-a,
teu corpo toma a fórma de uma lyra!

Si a gloria desce e, bebedo de luz,
abres os braços, na ancia de abraçal-a,
teu corpo toma a fórma de uma cruz!

## III

## CUIDADO!

O' namorados que passaes, sonhando,
quando boia, no céo, a lua cheia!
Que andaes traçando corações na areia
e corações nos peitos apagando!

Desperta os ninhos vosso passo... E quando
pelas boccas em flor o amor chilreia,
nem sei si é o vosso beijo que gorgeia,
si são as aves que se estão beijando...

Mais cuidado! Não vá vossa alegria
affligir tanta gente que seria
feliz sem nunca vos ouvir nem vêr!

Poüpae a ingenuidade delicada
dos que amaram sem nunca dizer nada,
dos que foram amados sem saber!

## IV

## DOR OCCULTA

QUANDO uma nuvem nômade distilla
gottas, roçando a crista azul da serra,
umas brincam na relva; outras, tranquilla,
serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gottinha que erra
de folha em folha e, tremula, scintilla,
mas nem se lembra da que o solo encerra,
da que ficou no coração da argila!

Quanta gente, que zomba do desgosto
mudo, da angustia que não molha o rosto
e que não tomba, em gottas, pelo chão,

havia de chorar, si adivinhasse
que ha lagrimas que correm pela face
e outras que rolam pelo coração!

## V

## FELICIDADE

ELLA veio bater á minha porta
e falou-me, a sorrir, subindo a escada:
"Bom dia, arvore velha e desfolhada!"
E eu respondi: "Bom dia, folha morta!"

Entrou: e nunca mais me disse nada...
Até que um dia (quando, pouco importa!)
houve canções na ramaria torta
e houve bandos de noivos pela estrada...

Então chamou-me e disse: "Vou-me embora!
Sou a Felicidade! Vive agora
da lembrança do muito que te fiz!"

E foi assim que, em plena primavera,
só quando ella partiu, contou quem era...
E nunca mais eu me senti feliz!

## VI

## ESPERANÇA

EU dizia, a seguir devagarinho
pela estrada da vida: "Quem me déra
ter, como os outros, um olhar que espera
e um coração que não está sósinho!"

Em cada galho despertava um ninho
ao som da minha voz... E, aos poucos, era
como si uma encantada primavera
espiritualizasse o meu caminho...

Calei-me, então, maravilhado... E tudo
foi-se fazendo cada vez mais triste,
e eu fui ficando cada vez mais mudo...

Então senti que era infeliz, porque eu
apenas soube que a Esperança existe,
quando a Esperança desappareceu!

## VII

## MOCIDADE

E os meus amigos dizem sempre: "Amigo,
quanta vida esbanjada num minuto!
Muitas vezes um galho, por castigo,
estala ao peso do seu proprio fructo!

Teus olhos riem... Mas que riso, amigo!
Esse olhar, que as olheiras põem de luto,
é a sombra apenas de um olhar antigo
que, de tanto chorar, ficasse enxuto!"

Falam: e lembram-me a velhice, a morte...
Mas o meu coração fala mais forte
do que todo o rumor desta cidade!

E repete-me sempre, satisfeito,
a bater, a bater dentro do peito:
"O' bemaventurada mocidade!"

## VIII

## TARDE

A Tarde morre suavemente, como um poeta...
E, extendendo no céo a mão longa e nervosa,
desfolha a flor do dia em nuvens côr de rosa...
Ha uma virgem chorando em cada lirio, inquieta...

Uma aza tonta risca o espaço, silenciosa.
O lago de crystal tem uma dor secreta
e uma folha, que tomba, enruga-lhe, medrosa,
como a fronte de um velho, a superficie quieta.

Alguem chora outro alguem sobre o musgo de um banco.
No ar parado perpassa uma ancia de violinos,
de perguntas de amor que ficam sem respostas...

E a Tarde, em seu caixão de virgem, todo branco,
passa, languida e morta... E, pela voz dos sinos,
todas as torres vão rezando de mãos postas...

## IX

## SILENCIO

SILENCIO—voz do amor, voz da alma, voz das cousas;
suave senhor dos céos, dos claustros e das grutas;
quebra-te o encanto o vôo, em tremulas volutas,
do bando singular das lentas mariposas!

Silencio — alma da dor de palpebras enxutas;
reino branco da paz, dos cirios e das lousas;
quando me calo, és tu, só tu, Silencio, que ousas
falar-me, e quando falo, és só tu que me escutas!

Irmão gemeo da morte, ó mystica linguagem
com que se fala a Deus! Meu coração selvagem
segreda-te a impressão que á flor da alma resvala

e tu lhe fazes, mudo, a confidencia triste
que te faz a mudez de tudo quanto existe,
porque és, Silencio, a voz de tudo o que não fala!

## X

## TRISTEZA

TRISTEZA, minha irmã de labios silenciosos,
vem meditar commigo: a lampada está accesa.
Vê como este abat-jour tem gestos voluptuosos
e acaricia a luz como um noivo, Tristeza!

Santa Tristeza, dá-me os teus dedos nervosos
na patena de luz que brilha sobre a meza!
Põe nos meus labios os teus labios incestuosos,
e em meus ouvidos põe teu silencio, Tristeza!

Santa Tristeza, dorme um pouco do meu somno!
Sobre os meus olhos fecha os teus olhos de outomno!
Meu leito te abre, ouvindo a illusão dos teus passos,

os cortinados, como alguem que abrisse os braços...
Este silencio é um máo desejo e a noite tem
o gesto de quem leva um dedo aos labios... Vem!

## XI

## SUAVE COLHEITA

QUE te entristece, coração velhinho?
Olha atraz o passado: que mais queres?
Quantos sonhos e quantos malmequeres
desfolhados ao longo do caminho!

Tantas rosas colheste! E hoje, sósinho,
porque extranhas o espinho em que te feres?
Como as rosas são todas as mulheres:
quem colhe a rosa tambem colhe o espinho...

Feliz, que te illudiste! Os teus amores,
de que andaste, insaciavel, aspirando
o perfume subtil de um só minuto,

foram apenas como certas flores
que a gente colhe, de manhã, pensando
que são bellas demais para dar fruto!

# INDEX

# INDEX

## NÓS

## A DANÇA DAS HORAS

## SUAVE COLHEITA

POEMAS DE AÇO:



OS ULTIMOS ROMANTICOS:

SERENIDADE:

# APPENDICE

# DOS JORNAES E REVISTAS

## A PROPOSITO DO "NÓS"

"Elle compõe o soneto com uma facilidade surprehendente. O verso, com todas as suas subtilezas e com todas as suas, por vezes insuperaveis, difficuldades, não tem segredos para Guilherme de Almeida. E' um poeta quasi feito, a despeito dos seus poucos annos. A linguagem com que enroupa as suas bellas concepções poeticas é sempre elegante e precisa."

*D' "A Vida Moderna" (S. Paulo), anno II, n. 294.*

"O livro "Nós" basta para consagral-o. O verso brota-lhe espontaneo, as rimas engastam-se-lhe nos sonetos como pedras finas..."

*D' "A Gazeta" (S. Paulo), de 14 de junho de 1917.*

"Estreou-se bem e, com o primeiro livro, marcou uma etapa que será uma ascenção para o Parnaso, donde já anda muito perto e onde triumphará, não tarda, engrinaldado de rosas."

*José Maria Machado, no "Diario Popular" (São Paulo), de 16 de junho de 1917.*

"Guilherme de Almeida é um poeta de raça, senhor de um estylo puro, brilhante e agradabilissimo, no qual não se notam influencias profundas dos mestres contemporaneos nem tampouco a idéa fixa de ser original. Lendo-se os seus versos tem-se uma deliciosa impressão de mocidade e de alegria sã, que nos fica cantando para sempre nos ouvidos.

.....................................................................

Não conhecemos pessoalmente Guilherme de Almeida, mas si de facto "le style est l'homme", tomamos a liberdade de imaginar o jovem plumitivo

que amanhã, indiscutivelmente, será uma gloria nacional, individualidade curiosa para os que se dizem normaes.

No emtanto, com que prazer o lemos, com que alegria nos tornamos confidentes dos seus sonhos! Com que simplicidade passamos a estimar esse moço que se orgulha de sonhar, de amar e de soffrer!"

*Affonso Schmidt, n' "A Tribuna" (Santos), de 16 de junho de 1917.*

"O coefficiente pessoal do poema é consideravel, num assumpto tractado por legiões de poetas: revela-se na linguagem correntia e singelissima, no estylo desataviado, sobrio e leve, na versificação facil e sonora, de um rythmo embalador e melancolico, nas imagens felizes que discretamente refulgem na trama dos sonetos, na emoção delicada e contida que pulsa por todos os versos. Estes sonetos não se parecem com os sonetos de ninguem, estes versos não têm resaibo nenhum de versos alheios — postas de lado, naturalmente, essas vagas reminiscencias e esses ligeiros encontros que são absolutamente fataes em toda obra humana."

*D' "O Estado de S. Paulo", de 21 de junho de 1917.*

"Eu tomo, por exemplo, o recente livro — "Nós" — publicado pelo sr. Guilherme de Almeida.

Que se propoz fazer nesse livro o joven poeta?

A historia real, ou conjectural, de um amor, como os demais amores travados entre almas aristocraticas, com os seus lances de angustia e delicia, com seus ancenubios de esperança e duvida.

Fel-o o sr. Guilherme de Almeida? — Eximiamente, enternecedoramente.

Que concluir d'ahi? — Para os ceboleiros da praça do Mercado, para os "bookmakers" das corridas de cavallos, para os farejadores da Bolsa e das Secretarias, o sr. Guilherme de Almeida deve ser um mocinho ingenuo e inexperiente.

Mas para os homens de idéas nobres e elevados sentimentos, para as almas que têm vida interior e capacidade de fixar num instante de magua uma eternidade de soffrimento, o sr. Guilherme de Almeida é o joven glorioso auctor de um pequenino evangelho de bondade e ternura.

.....................................................................

E' um poeta, um verdadeiro, um indiscutivel poeta quem os escreveu.

Devo-lhe dar-lhe parabens? — Não sei. Um poeta sincero e honesto, sem cabotinismos e sem capacidades de intriga, mettido numa civilização balbuciante, com intermittencias de feira e deserto, é um candidato á Gloria e um laureado da Desgraça.

Mas, si lhe serve assim mesmo o diploma, o sr. Guilherme de Almeida é uma das mais puras almas de artista que o Brasil tem tido."

*Hermes Fontes, no "Correio Paulistano" de 22 de junho de 1917.*

"Em "Nós", sente-se um poeta, um formosissimo poeta, capaz de vôos largos e com uma alta comprehensão da belleza."

*D' "A Rua" (Rio), de 26 de junho de 1917.*

"Deslizam tambem com a mesma facilidade os versos de Guilherme de Almeida, simples, espontaneos, traduzindo um honesto e natural enternecimento, e uma alta idealização em fórmas perfeitas e definitivas, que lhe marcam, na literatura brasileira do momento, tão polychroma, confusa e delirante, um logar á parte, de destaque e inconfundivel.

.........................................................................................

Elle é essencialmente espiritual. A sua obra não requinta dos effeitos da phrase imbricada: todos os seus effeitos, alguns admiraveis, são leves, graciosos, com o fim de dar a pincelada exacta do enternecimento.

Não tem cores carregadas, nem musicalismos bizarros. Tudo é perfeito, sereno, limpido. A idea, o sentimento não morrem estrangulados pelo collete de forças da fórma.

A sua factura veste a idéa com a justeza de uma luva.

Poeta do espirito e do coração, abriu os olhos para a contemplação da alma, mundo mais difficil de perscrutar, por sua profundeza, que o amplo mundo exterior.

Guilherme de Almeida é um grande poeta...."

*Alexandre de Albuquerque, n' "O Paiz" (Rio), de 3 de julho de 1917.*

"Assim o sr. Guilherme de Almeida é, na geração que vae surgindo em S. Paulo, dos melhores poetas. O seu livro é uma affirmação de um temperamento sensivel e aristocrata, que sabe traduzir em versos simples e fluentes as alegrias e os desconsolos do amor."

*Do "Jornal do Commercio" (Rio), de 9 de julho de 1917.*

"Nós", em resumo, é a casta symphonia de um coração que ama a sua Chimera e nol-a mostra, por entre esplendores de graça.

O livro tem todas as tintas de uma téla viva e, mirando-a com amoroso interesse, fica-se extactico ante a luz e o oiro que irradiam, gloriosamente, do symbolo de duas almas."

*Manuel Leiroz, n' "A Cigarra", anno 4, n. 70.*

"A arte de subentender, de evocar toda uma figura a dous traços, de despertar as mais complexas melodias por duas ou tres notas que nos chegam disfarçadas, como um echo, é a qualidade preciosa e fundamental, toda rescendente em fidalguia e doçura, da obra de Guilherme de Almeida."

*Veiga Miranda, no "Jornal do Commercio" (Edição de S. Paulo), de 15 de julho de 1917.*

"Contar uma historia de amor, coisa trivialissima no mundo, é verdadeiro trabalho de Hercules. Contar, bem entendido, mantendo, de principio a fim, o mesmo interesse, a mesma jovialidade, o mesmo encanto.

Isso conseguem somente os poetas natos. Conseguiu amplamente o poeta do "Nós", dando-nos um conto em verso onde a espontaneidade e a correcção se irmanam, sem as futilidades costumeiras nem as extravagancias dos eroticos."

*José Oiticica, no "Correio da Manhã" (Rio), de 30 de julho de 1917.*

"Certo, Guilherme de Almeida não é ainda um artista perfeito e lapidar, nem os seus verdes annos lhe permittiriam ter conquistado, tão rapidamente, a perfeição que só attingem os talentos amadurecidos. Mas injustiça seria recusar-lhe as qualidades que o enobrecem e o dignificam. Entre estas, impõem-se a espontaneidade impetuosa, o dominio absoluto da lingua que maneja, a decidida inclinação para o culto da Arte pura, sem genuflexões diante do cabotinismo e exotismo, e o sentimento tradicionalista em que educou o espirito, que o leva a abandonar a estrada onde tumultuam os literatos contemporaneos, que supprem pelo arrojo das metaphoras e as scintillações da forma o vazio das idéas."

*Gomes dos Santos, no "Correio Paulistano", de 2 de agosto de 1917.*

"Guilherme de Almeida tem uma porção de qualidades artisticas e um defeito pessoal: é modesto. No dia em que elle se libertar desse defeito, inadmissivel no seu tempo, será consagrado, em todo o Brasil, um dos nossos poetas mais encantadores."

*D' "O Imparcial" (Rio), de 6 de agosto de 1917.*

"A coleção de 33 sonetos que Guilherme de Almeida intitulou "Nós" é um dos mais deliciosos poemas que se têm ultimamente publicado.

.....................................................................................

Do livro de Guilherme de Almeida as citações se podem fazer quasi sem escolha, porque os sonetos que o compôem são excelentes.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Si o livro de Guilherme de Almeida é uma estreia, a estreia não podia ser mais auspiciosa. Começa vencendo: entra na carreira literaria como um triumfador."

*Medeiros e Albuquerque, n' "A Noite" (Rio), de 6 de agosto de 1917.*

"Guilherme de Almeida é um artista fino de um seculo culto e nunca vira fauno fumegante de satyriasis de que se arredam desconfiados até os proprios leitores machos...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

A poesia coa-se-lhe para o verso fluente e puro, brotada d'alma, sem recurso a camartelo, á lima, ao buril, ao saca-rolhas para embrechados artificiosos."

*Monteiro Lobato, na "Parahyba" (Caçapava), anno I, n.º 1.*

"O sr. Guilherme de Almeida, ao que concluimos da leitura dos seus versos, ficará com o sceptro da poesia lyrica entre nós...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Justificámos que farte o nosso juizo acerca do jovem poeta e do seu livro. Resta-nos apenas saudar, como effusivamente saudamos, em Guilherme de Almeida, o mais legitimo e o mais forte representante da lyrica moderna no Brasil..."

*Aristêo Seixas, no "Correio Paulistano", de 20 de janeiro e 3 de fevereiro de 1918.*

"Este poeta brasileño, joven y melancólico, hace llegar su romance hasta nosotros en versos para ser musitados en el sosiego de las cámaras intimas, en la penumbrosa quietud de las estancias...

Esta poesia de sensibilidades exquisitas — un tanto mórbida y un tanto ingenua á la vez — solo ha de ser gustada y comprendida por los amantes de selección, por los seléctos y dilectos atormentados..."

*René Zapata Quesada, em "La Nota" (Buenos Ayres), de 16 de março de 1918.*

## A PROPOSITO D' "A DANÇA DAS HORAS"

"Guilherme de Almeida realiza uma "maneira" propria de fazer a sua arte, distanciando-se, pela emoção e pela forma, de todos os provaveis influenciadores e mestres de sua poesia.

Lyrica, essencialmente, sem cabotinismos ou philosophias, a sua musa, commovedora e simplicissima, gosa do immenso prestigio de ser sentida e comprehendida integralmente por todas as almas."

*Do "Correio Paulistano" de 17 de setembro de 1919.*

"A nota predominante da "A dança das horas" é o seu intellectualismo sensivel. No seu primeiro livro Guilherme de Almeida era um poeta que sentia, sobretudo. Neste, é um poeta que sente e que pensa, — sente como um pensador e pensa como um artista.

E não sabemos que coisa mais valiosa se possa pedir a um poeta de fibra e de inspiração."

*D' "A Cigarra", anno V, n. 101.*

"Estamos deante de um dos melhores livros de versos da nossa ultima florada lyrica.

Guilherme de Almeida, o triumphador do "Nós", lança ao publico uma collectanea de versos nervosos, hystericos, de um subjectivismo profundo e embalador. A sua hiper-sensibilidade, quasi morbida, mas sincera porque ingenita, empresta aos seus rythmos maravilhosos essa doentia suavidade das meias-tintas, das emoções avelludadas: parecem os seus versos espiraes estonteantes de benjoim e sandalo...

.....................................................................

O seu erotismo é romantico, todo cerebral. As formas que toca são quasi intangiveis...

.....................................................................

Nada é, porém, artificial. A visão esthetica do poeta é expontanea, fluida, immaterial, mas sempre sincera, mesmo na aberração e no paradoxo.

.....................................................................

Guilherme de Almeida é um grande poeta e seu livro uma verdadeira maravilha de sensibilidade e belleza."

*Menotti Del Picchia, n' "A Gazeta", de 13 de março de 1919.*

"E Guilherme de Almeida è stato vittoriosamente all'altezza della sua fama.

Questo suo nuovo libro, pur recando l'impronta vibratissima dell'eleganza e della ricercatezza di "Nós", ha un fascino nuovo e una malìa più dolce. E' il poeta che si afferma più poeta; è il cercatore magnifico delle ignote bellezze dell'Arte che imprime con polso più fermo e con più robusto pensiero l'armonia suadente dei suoi versi leggiardi..."

*Do "Fanfulla", de 16 de março de 1919.*

"O livro que acabamos de lêr, sob o titulo original de "A dança das horas" é já o segundo que o autor publica.

Tanto neste como no primeiro — de que aliás muito disse em conceituosos encomios a critica indigena — ha o mesmo traço de originalidade na sua maneira de poetar. São versos escriptos em boa linguagem, e o poeta é sempre novo, inedito. As suas imagens, nem sempre justas, mas sempre bellas, ás vezes elevadas, não pecam nunca pelo vulgar ou pelo frivolo."

*D' "A Rua" (Rio), de 21 de março de 1919.*

"... E' assim o livro de Guilherme. Nelle as horas da vida dançam suavemente...

E' difficil citar versos de um livro como este, em que todos são lindos."

*Rodrigo Octavio Filho, n' "O Malho" (Rio), anno 17, n. 862.*

"Agora tem S. Paulo outro poeta, em quem se casam as virtudes da graça e do luxo.

.....................................................................

E' o poeta do asphalto, da luz electrica, do velludo, das joias, das tapeçarias, dos crystaes, do luxo mundano, emfim, um poeta aristocratico... E' uma poesia nova, espartilhada, de meias de seda e sapatos minusculos, que usa morphina e dorme, alta madrugada, entre volutas de perfumes orientaes..."

*Humberto de Campos, em "Para Todos" (Rio), anno I, n. 14.*

"A Dança das Horas" representa um momento da nossa poesia, na sua feição mais nova. E o sr. Guilherme de Almeida terá, entre os da sua geração, um nome dos mais distinctos e mais amados."

*João Ribeiro, n' "O Imparcial" (Rio), de 31 de março de 1919.*

"Descobre-se no seu autor um poeta de sentimento, e, o que é melhor, um poeta que é um alguem inconfundivel.
Guilherme, sem duvida, — alma de contemplativo, espirito de artista — observou diuturnamente a sua cidade, viveu-lhe a vida, namorou-a, pois que com tanta intelligencia e graça soube imprimir no seu verso a alma de S. Paulo, vaidosa, inconstante e original."

*Mario de Moraes Andrade, n' "A Cigarra" (São Paulo), anno 6.º, n. 110.*

"... os versos da "Dança das Horas" são encantadores, e nos soam como uma musica desacostumada."

*D' "O Estado de S. Paulo", de 5 de maio de 1919*

"Guilherme em todos os seus trabalhos guarda uma linha suave de originalidade que é o seu encanto.
Alguns ha de sopro elevado e magnifico, vasados na cristallinidade de uma forma impecavel."

*Da "Revista do Brasil", anno IV, n. 40.*

Guilherme de Almeida tem a moderna concepção naturalistica da arte..
Por toda a "Dança das Horas", o dominio da figura da "mulher vestida" se mostra claramente... Toda a sua novidade e toda a sua originalidade vem de que elle é sincero, porque para ser original em arte basta ser sincero."

*Lourenço Filho, n' "O Estado de S. Paulo" (edição da noite), de 5 de junho de 1919.*

"Realmente, o novo livro de Guilherme de Almeida, opulento e delicioso, é mais uma perfeita confirmação dos seus finos dotes intellectuaes: todas as composições que contem, já pelo rythmo, já pelo corte do verso, já pela espiritualidade, já pelo fundo em que ha sempre uma concepção que agrada, pelo que encerra de espontaneo ou de imprevisto, bem revelam a tempera adamantina do cerebro privilegiado que as ideou e compoz."

*Nuto Sant'Anna, no "Correio Paulistano", de [illegible] de junho de 1919.*

"O livro do sr. Guilherme de Almeida é todo nervos. Sua poesia é subtil, esguia, fugaz. E' um poeta impressionista. Seus versos lembram as telas dos discipulos de Sisley, que pintavam com pinceladas curtas e nervosas. Seu livro é um punhado de confetti multicores. O poeta não perde em todo elle uma feição intensamente pessoal. E' toda a vida moderna, a vida offegante que nos arrasta, que elle retraça em miniatura de um admiravel realismo, sem pormenores. O sr. Guilherme de Almeida sabe ver o essencial e com poucas notas compõe uma symphonia de sabor novo, exquisito, que marca.

..........................................................................

A poesia, que deu ao livro o titulo, é uma pagina que ficará na nossa litteratura...

..........................................................................

Taes versos consagram um poeta!"

*Tristão de Athayde, n' "O Jornal (Rio), de 21 de junho de 1919.*

ACABADO DE IMPRIMIR
EM CINCO DE SETEMBRO
DE MIL NOVECENTOS E DEZENOVE
NAS OFFICINAS
DA
CASA EDITORA "O LIVRO"